

Reflexões sobre Norma e multilinguismo: Discurso da norma na imprensa de imigração alemã no Sul do Brasil

Lucas Löff Machado¹

Resumo: Negociações sobre o papel da norma linguística em contexto multilíngues são um fenômeno recorrente no discurso científico, popular e na imprensa. Hierarquias e valores distintos são associados de acordo com a posição dos atores e o contexto histórico vigente e manifestam-se na forma de mitos, crenças e ideologias sobre línguas (Pupp Spinassé & Mozzillo, 2021; Altenhofen, 2004). O presente estudo examina o discurso da norma na imprensa de imigração alemã no Rio Grande do Sul em dois excertos em língua alemã, um jornal e um relato de viagem, publicados na primeira década do séc. XX. O primeiro dirige-se às comunidades locais de fala alemã, de modo especial aos professores católicos (Bredemeier, 2010). O segundo exemplar tem um público-alvo mais global de viés colonialista. Com auxílio das ferramentas da análise linguística do discurso (Spitzmüller & Warnke, 2018) são discutidos de modo exemplar os níveis da palavra, da proposição e da metáfora bem como o nível de práticas sociais, cujos sentidos ultrapassam as fronteiras de cada texto e estruturam o discurso da norma. Os dados mostram uma tendência em essencializar a distinção entre norma-padrão (*Hochdeutsch*) e normas locais (hunsriqueano, pomerano) a partir de uma ideologia da homogeneidade linguística. Tal ideologia alimenta-se de sentidos como da língua idealmente bela, da primazia do alemão-padrão na escola, do distanciamento do dialeto, da distinção às línguas em contato, isto é, ao português. Através de categorias coletivas que generalizam os grupos locais e nomes estigmatizados, oposições linguísticas e metáforas uma hierarquia das normas linguísticas é marcada. Análises como essa podem ser analisadas em diferentes tipos textuais que carregam discursos da norma e possibilitam abordagens quantitativas. O presente estudo pretende, portanto, contribuir para ampliar os estudos sobre o discurso da norma e incentivar a concretização de um *corpus* de textos da imigração alemã.

Palavras-chave: discurso da norma; norma-padrão; língua alemã.

Zusammenfassung: Die Normaushandlungen über die Rolle der sprachlichen Norm in mehrsprachigen Kontexten sind ein wiederkehrendes Phänomen im wissenschaftlichen Diskurs, in populären Einstellungen und in der Presse. Je nach Position der Akteure und des vorherrschenden historischen Kontexts werden unterschiedliche Hierarchien und Werte assoziiert, die sich in Form von Mythen, Überzeugungen und Ideologien über Sprachen manifestieren (Pupp Spinassé & Mozzillo, 2021; Altenhofen, 2004). Die vorliegende Studie untersucht den Normdiskurs in der deutschen Einwanderungspresse in Rio Grande

¹ Doutorado na Universidade Católica de Eichstätt-Ingolstadt; Universidade Federal de Pelotas. lucas.loffmachado@gmail.com.

do Sul in zwei deutschsprachigen Auszügen, einer Zeitung und einem Reisebericht, die im ersten Jahrzehnt des 20. Jahrhunderts verfasst wurden. Der erste richtet sich an lokale deutschsprachige Gemeinschaften, insbesondere an katholische Lehrer und Lehrerinnen (Bredemeier, 2010). Das zweite Exemplar richtet sich an ein globaleres Publikum mit einer kolonialistischen Ausrichtung. Mit Rückgriff auf den Werkzeugkasten der linguistischen Diskursanalyse (Spitzmüller & Warnke, 2018) werden exemplarisch die Wortebene, Propositionsebene und Metapher-Ebene sowie die Ebene der sozialen Praktiken diskutiert, deren Bedeutungen über die Grenzen der einzelnen Texte hinausgehen und den Normdiskurs strukturieren. Die Daten zeigen eine Tendenz zur Essentialisierung der Unterscheidung zwischen der Standardnorm (*Hochdeutsch*) und lokalen Normen (*Hunsrückisch*, *Pommersch*) auf der Grundlage einer Ideologie der sprachlichen Homogenität. Eine solche Ideologie speist sich aus Bedeutungen wie der idealen sprachlichen Schönheit, dem Vorrang des Standarddeutschen in der Schule, der Abgrenzung zum Dialekt, der Unterscheidung von Kontaktsprachen, z.B. dem Portugiesischen. Durch kollektive Kategorien der Gruppenverallgemeinerung und stigmatisierte Namen, sprachliche Gegensätze und Metaphern wird eine Hierarchie der sprachlichen Normen markiert. Solche Analysen können in verschiedenen Textsorten durchgeführt werden, die Normdiskurse tragen sowie quantitative Ansätze ermöglichen. Die vorliegende Studie soll daher einen Beitrag zur Erweiterung der Studien zum Normdiskurs leisten und die Realisierung eines Korpus deutscher Migrationstexte anregen.

Schlüsselwörter: Normdiskurs; Standardsprache; deutsche Sprache.

1. Introdução

45

Embora a língua seja dotada de fluidez e esteja em permanente variação, na maioria das vezes inconscientemente (Labov 1972), discutir sobre a variação da língua é um componente essencial de muitas sociedades. Contudo, Língua é um dos conceitos – assim como *liberdade*, *democracia*, *ditadura* entre outros – com os quais não apenas discutimos no sentido estreito da comunicação, mas também negociamos valores, visões de mundo, convicções e colocamos nossas ideologias em funcionamento (Pupp Spinassé & Mozzillo, 2021; Roth, Spitzmüller & Schramm, 2018). Os sentidos práticos desses de-/embates podem ser variados. Enquanto autoridades linguísticas deliberam sobre as variantes de uma gramática ou de um dicionário, uma família pode estar decidindo qual o melhor currículo para os seus filhos. Todos são atravessados por concepções de língua compartilhadas socialmente, sendo aquelas normativas muitas vezes decisivas (“qual língua devemos padronizar, aprender, falar(!)? Onde? Quando? etc.”).

O presente texto ocupa-se justamente com o passado cronológico para compreender tais questões do presente. Trata-se da imprensa em língua alemã no sul do Brasil na forma de jornais e relatos de viagem e as práticas sociais escritas suscitadas por eles na primeira década do séc. XX. Embora não mais recorrentes na era da digitalização, jornais e relatos

de viagem transportavam formas de conhecimento nas e entre as sociedades letradas. Nossa hipótese é de que a construção de normas linguísticas, entendidas como expectativas e concepções acerca da língua de um grupo (Gloy 2004), são construídas através de práticas discursivas contínuas do séc. XIX até hoje. A motivação do presente estudo surge justamente da constituição da norma linguística como fenômeno discursivo (Roth, Spitzmüller & Schramm 2018; Blommaert & Verschueren 1998), pelo qual atores negociam noções de norma (linguística). Partindo da pesquisa de doutorado intitulada “o papel da norma linguística do alemão no Rio Grande do Sul: Hochdeutsch” busco dar continuidade à descrição de normas linguísticas e oferecer subsídios para o estudo de um discurso da norma. A pergunta de pesquisa que guia o presente estudo é “como norma linguística é construída e negociada em textos da imprensa de imigração alemã na passagem do séc. XIX para o séc. XX?”

Primeiramente, segue-se uma delimitação dos sentidos de norma linguística, em especial do conceito de *Hochdeutsch*, comum no discurso do recorte temporal analisado (cap. 2). Em seguida, serão analisadas brevemente as noções de *Hochdeutsch* nos campos da ciência ao longo do tempo (cap. 3) e do ponto de vista da própria comunidade de falantes bilíngue (cap. 4). Após, apresentam-se os fundamentos teóricos e metodológicos da pesquisa com base na análise linguística do discurso de Spitzmüller & Warnke (2011) (Cap. 5). Finalmente, discutem-se dois enunciados do início do séc. XX a fim de exemplificar a análise linguística no nível intratextual (níveis da palavra, proposição e metáfora) (Cap. 6.1) e transtextual (ideologias e práticas sociais) (6.2). As conclusões e perspectivas futuras (cap. 7) lançam perguntas para um aprofundamento deste estudo e sugerem um desdobramento possível a partir da constituição de um corpus dos discursos da norma.

2. O conceito de norma *Hochdeutsch*

A discursividade da norma linguística remonta ao período helênico na Grécia (ca. 300 a.C.), quando procurou-se registrar através da gramática (gr. *grámma* ‘letra’, inicialmente a arte de ler e escrever) um determinado modo de falar (Faraco & Zilles 2017: 94). Em território germanófono, as primeiras codificações a partir do séc. XVII da língua alemã surgiram em um contexto de distanciamento das línguas clássicas (latim e grego) e posteriormente, já no séc. XVIII e XIX, do francês e do italiano.

O conceito *Hochdeutsch*, na sua tradução literal pt. *alto-alemão* ou en. *Highgerman*, apresenta atualmente uma polissemia resultado de diferentes usos. O sentido inicialmente geográfico – variedades linguísticas das terras altas (al. *hoch*) ao sul em

oposição às variedades das terras baixas ao norte, ou seja, do baixo-alemão (*Niederdeutsch* ou *Plattdeutsch*) – passou a carregar uma conotação valorativa motivada por trabalhos de gramáticos como Martin Opitz (1624) e Justus Georg Schottelius (1663) (FAULSTICH 2008). A partir do séc. XIX os sentidos de *Hochdeutsch* recebem cada vez mais associações com uma ideologia nacional baseada entre outros na homogeneidade linguística, ainda que os dialetos sejam cada vez mais estudados e documentados durante o romantismo (NEUMANN, 2000).

É justamente o sentido de uma língua unificada que imigrou para o Brasil e continuou a ser mobilizado nas escolas e na igrejas. O *Hochdeutsch* continuou carregando valorações e implicando distinções sociais durante a imigração de língua alemã no Brasil desde o séc. XIX. Na literatura, por exemplo, encontramos as figuras do Padre ou do professor opostas à figura do colono através de marcas linguísticas do *Hochdeutsch* e o Hunsriqueano (ALTENHOFEN, 2016; NEUMANN, 2000).²

O contato entre variedades regionais do alemão é frequentemente retratado como um processo de convergência, a partir do qual uma variedade teria assimilado as demais (LACMAN, 1906; KUDER, 1936/1937).³ Para Fausel (1962), um dos primeiros filólogos dedicado ao estudo da língua alemã no Rio Grande do Sul, o dialeto seria o contraponto à mistura linguística (Pupp Spinassé, 2005) e o “chão fértil” para o implemento do alemão-padrão (Fausel 1962). Ele compara traços do *Hochdeutsch* local (entonação, apócope, aglutinação, trocas pronominais entre „mir“ e „mich“ usw., o uso do tempo perfeito no lugar do imperfeito) com as variedades regionais da Alemanha (Fausel 1959). Sob o viés antropológico, no fim da década de 1940, Willems defende um paralelismo similar: *linguajar rústico* em oposição a um *idioma-padrão* (WILLEMS, 1940), o que reforça a distinção entre língua e dialeto (cf. Barili 2018: 89).⁴

A despeito de uma dicotomia, diversas pesquisas mostram que heterogeneidade cultural fazia e faz parte do dia a dia das comunidades de imigração alemã (Schulze, 2015, na

² No Trabalho de Neumann (2000) acerca das representações da língua materna encontramos a seguinte citação de Rambo sobre o uso variedade local do Hunsrueckisch: “Em meus afazeres secundários ainda continuo como sempre um tanto ‘literato’. O dialeto teuto mais falado no Sul do Brasil é o “hunsrück”. Nele escrevo cada ano contribuições para almanaques e revistas, que os colonos lêem com prazer. Existe um traço épico nessa língua modesta, que deste os dias da minha infância me cresceu dentro da alma. Exploro esta predileção para “ridendo dicere verum” (rindo, dizer o que é verdade).” (RAMBO, B. apud RABUSKE, 1987, p. 83)

³ „Die Sprache der deutschen Kolonisten ist in Brasilien nicht unbeeinflusst geblieben. Die alten deutschen Dialekte sind entweder einem einheitlichen Hochdeutsch gewichen, wo die Eltern der Kolonisten bunt zusammengewürfelt waren, oder der Dialekt, den die meisten Eingewanderten sprachen, hat die anderen aufgesaugt. Geschichten und Gedichte im Dialekt finden sich häufig“ (Kuder 1936/37: 480).

⁴ “A influência dos imigrantes cultos, dos ministros, professores e jornalistas, era limitada, mormente a princípio. Não se podia impedir que o linguajar dos colonos tomasse um rumo que se afastava cada vez mais do padrão oficial.” (Willems 1940: 187).

história; Altenhofen, 2019, na dialetologia; Spinassé, 2016, no ensino bilíngue 2016; Neumann, 2000, na literatura (2000). Na próxima seção abordaremos estudos da perspectiva da variação linguística atual e como eles posicionam norma linguística.

3. O discurso da norma na ciência hoje

Nas últimas décadas, o binômio *Hochdeutsch*-dialeto tem dado mais espaço a descrições linguísticas mais granulares que contemplam a variação linguística e a diversidade cultural bem como a própria percepção dos falantes (Prediger, 2019; Tavares de Barros, 2019; Habel 2017; Damke, 1997: 48; Altenhofen, 1996: 292-293; Thun, 2010). Segundo Coseriu (1960), as variedades de uma língua podem ser concebidas como normas compartilhadas por um grupo e pertencentes a um mesmo sistema. A hierarquia interdialeto dentro da língua alemã (Low Variety versus High Variety, Staub 1983), portanto, passa a ser vista de um ponto de vista dos sujeitos e de suas práticas, sem uma primazia de uma variedade sobre a outra. Altenhofen (2019) cita o exemplo de um grupo de falantes na região do chaco que falam português e hunsriqueano (trazidos do Brasil), espanhol e guarani aprendidos através da escola e *Hochdeutsch* (alemão-padrão) e *Plautdietsch* (baixo-alemão) adquiridos junto aos menonitas, com quem trabalham (Altenhofen, 2019: 536).

48

Percebe-se ainda uma flexibilização maior dos sentidos do *Hochdeutsch*, ou seja, uma conciliação da norma-padrão com a variação (Faraco 2008). Para falantes de variedades do baixo-alemão o *Hochdeutsch* pode ser justamente o hunsriqueano atenuado (al. *abgeschwächtes Hunsrückisch*, Altenhofen, 1996) bem como o alemão-padrão local (al. *landschaftliches Hochdeutsch*, Altenhofen 2016) ou insular (al. *Inselstandarddeutsch*, Díaz 19), pois é essa língua que desempenha muitas vezes o papel intermediário entre os diferentes grupos (Altenhofen, 2019).

No âmbito da variação, temos ainda estudos que apontam o uso da norma padrão junto a determinados dimensões sociais (cf. Altenhofen, 2016): a correlação da fala mais monitorada do alemão e do português entre o gênero feminino, enquanto o masculino segue padrões mais atrelados ao tipo rural e dialetal (Jung, 2003; Mackedanz, 2016; Kaufmann, 2004); dimensão diarreligiosa: o símbolo étnico da língua alemã para o grupo protestante (cf. Bibe-Luyten, 1988 sobre a imigração holandesa) acarretaria uma aproximação maior à norma-padrão (Schulze, 2016; Cunha 1995, 47); diastrática: a categoria *colono* é associada a falantes da variedade local do alemão, inclusive com nomeações próprias (*língua de colono*) (Faraco & Zilles, 2017, 34; Zilles & King 2005, 79), enquanto falantes instruídos ou modelos linguísticos, como pastores, professores,

médicos ou “Deutschländer” (pessoas nascidos na Alemanha) à norma padrão idealizada (Altenhofen, 2016; Staub, 1983; Kuder, 1936/1937). Já no campo político, segundo Oliveira (2018), a implementação da variedade local (hunsriqueano, pomerano etc.) ou da variedade padrão (*Hochdeutsch*), expressa respectivamente uma postura pro identidade e pro internacional.

Dessa forma, representações de variedades da língua alemã indexalizam valores e tipos sociais. Um fenômeno similar ocorre no próprio português (ver Faraco 2008). Vejamos como os falantes se posicionam a essas normas.

4. Norma nas atitudes da comunidade de fala

Como vimos na seção anterior, a pesquisa sociolinguística inovou ao focar as atitudes e percepções dos falantes das línguas estudadas (Niedzielski & Preston, 2000). Nas últimas décadas, passou-se a perceber os comentários dos falantes não mais como um desvio ou dados desqualificados, senão como uma dimensão da variação linguística (p. ex. dimensão diarreferencial, Thun 2005). Atitudes e concepções dos falantes fazem parte de um campo de estudo mais amplo, que podemos conceber como reflexão linguística (Spitzmüller, 2019).

No presente estudo, nos restringimos aos discursos que permeiam as denominações utilizadas pelos falantes, onde ideologias linguísticas entram ação (Pupp Spinassé & Mozzillo, 2021). O uso do atributo *richtig Deutsch* (pt. *alemão certo/correto*) para o *Hochdeutsch* nas comunidades de fala alemã (Tavares de Barros 2019: 127; Damke 1997: 48; Sulzbach 2004: 53) expressam, por exemplo, a ideologia da pureza linguística. Igualmente prestigioso é termo *alemão gramatical*, cuja carga semântica remete ao ideal da língua homogenêna e frequentemente é complementado com o comentário dos falantes de que o “dialeto não tem gramática”. O contraste também surge em denominações estigmatizadas *Heckesproch* (*alemão do mato*) ou *verbrochenes Deutsch* (*alemão quebrado*) (Altenhofen et al. 2018).

Com os sentidos da norma do ponto de vista científico e popular brevemente delineados, passemos agora aos aspectos teóricos e metodológicos da análise.

5. Aspectos teóricos e metodológicos

Analisar o discurso da norma em contextos de multilinguismo, como é o caso imigração alemã no Rio Grande do Sul, é ocupar-se com a arquitetura de enunciados múltiplos. Segundo Spitzmüller e Warnke (2011), podemos conceber o discurso como um emaranhado (*Masch*) de enunciados estruturados linguisticamente (e visualmente no caso

de textos como grafiti, cartões postais, cartazes etc.). São formações linguísticas escritas ou faladas de ordem histórica e social, com as quais atores diversos agem socialmente. O discurso se constitui e distribui sob condições de produção próprias. Os textos de imprensa ora analisados, por exemplo, enfrentaram mudanças drásticas ao longo do tempo. Durante a passagem do séc. XIX para o séc. XX notamos a mudança tipográfica da chamada *Fraktur* para a latina e a escolha linguística dos textos cada vez mais próxima do português. No período das Guerras Mundias, a interrupção da língua alemã foi reforçada pela proibição da língua alemã e divulgação da língua do país (Bredemeier, 2010, 37).

A análise linguística do discurso por níveis (al. *Diskurslinguistische-Mehr-Ebenen-Analyse*), proposta por Spitzmueller & Warnke (2011), disponibiliza ferramentas que orientam a presente análise. O discurso é analisado a partir de níveis (al. *Ebenen*) que englobam o nível intratextual (microanálise) e o transtextual (macroanálise). Unidades de análise do nível intratextual aqui analisadas são formas lexicais, linhas de oposições, metáforas do nível transtextual são práticas sociais compartilhadas socialmente em forma de ideologias.⁵ A articulação entre os diferentes níveis é realizada por atores que reproduzem, modificam e negociam esse conhecimento discursivamente. Atores podem ser de diversas ordens, tanto institucional (escola, igreja, país) quando individual (falantes de diferentes comunidades).

50

5.1 Exemplos de excertos analisados

Ponto de partida para a análise do discurso da norma são dois exemplos de textos escolhidos através do recorte histórico e temático, nomeadamente jornal de imprensa e relato de viagem. Ambos são em língua alemã. O primeiro enunciado foi coletado a partir do corpus de Bredemeier (2010) com foco no discurso sobre o (ensino de) português em comunidades de fala alemã entre os anos 1900 e 1939. O excerto abaixo é de autoria

“De tudo esclarece, que a compreensão certa e um uso mais seguro possível da língua escrita do HOCHDEUTSCH são propósito e objetivo central da aula de língua nas escolas comunitárias. Ao DIALETO a escola deve fechar impreterivelmente as portas. Ele é, pode-se dizer, apenas a roupa confortável de casa” [tradução e grifo meus]

⁵ Outras unidades de análise são ocasionalismos; nível da proposição: atos de fala, implicaturas e pressuposições, sentidos deônticos, figuras retóricas, modelos sintáticos; nível do texto: desenvolvimento temático, funções textuais, gêneros textuais e elementos visuais como relação entre imagem e texto, tipografia e materialidade (Spitzmuller & Warnke 2011: 201).

do Pe. J. Moser e foi publicado em 1905 no Jornal dos Professores Católicos. A escolha do excerto se deu por pesquisa manual do lexema HOCHDEUTSCH (pt. alemão-padrão):

Quadro 1: Enunciado sobre o ensino de língua alemã no Jornal dos professores católicos, n. 6, junho de 1905, p. 45.⁶

O segundo exemplo foi coletado no acervo digital da Universidade de Bremen digital.⁷ Trata-se de um relato de viagem escrito por Alfred Funke em 1903 e intitulado “Colônia alemã além-mar” (*Deutsche Siedlung über See*). O livro divide-se em subcapítulos que

“O COLONO MEDIANO compreende apenas as expressões mais necessárias dos brasileiros, utiliza contudo somente a LÍNGUA ALEMÃ na comunicação diária. O DIALETO HUNSRIQUEANO falado pelos renanos até não é BONITO, mas é de uso tão geral que se acostuma rapidamente aos seus sons: o “eich” no lugar de “ich” [eu], as terminações de infinitivo em “e” no lugar de “en” ferem ao lado de algumas expressões fortes no início o ouvido do “frischen DEUTSCHLAENDER” [cidadão alemão recém chegado]. Engraçado soa o ALEMÃO PLATT [Plattdeutsch] dos POMERANOS e o DIALETO HUNSRIQUEANO na boca dos NEGROS que nos anos de trabalho junto aos agricultores ALEMÃES aprendem facilmente e utilizam com gosto”. [tradução e grifo meus]

argumentam sobre a necessidade de manter um protetorado do império alemão no Rio Grande do Sul e aborda, entre outros, aspectos sobre o tipo humano, geografia, finanças e educação. O seguinte excerto encontra-se no subcapítulo “as colônias alemãs, sua produção, população e localização regional” e foi selecionado através de pesquisa manual pelo lexema SPRACHE (pt. *língua*), uma vez que o termo *Hochdeutsch* não é utilizado pelo autor:

Quadro 2: Enunciado de Albrecht Funke no livro “Deutsche Siedlung über See”, 1902, p. 43.⁸

Apesar do recorte temporal semelhante, os exemplos acima possuem públicos-alvo consideravelmente distintos. Enquanto Pe. Moser fala às comunidades de fala alemã locais (católicas) e abrangidas pelo jornal editado no Rio Grande do Sul, Funke dirige-se a um

⁶ “Aus all dem erhellt, dass das richtige Verständnis und ein möglichst sicherer Gebrauch der hochdeutschen Schriftsprache Zweck und Hauptziel des Sprachunterrichts der Volksschule ist. Dem Dialekt muss die Schule unbedingt die Türe weisen. Dieser ist sozusagen nur das bequeme Hauskleid”.

⁷ <https://brema.suub.uni-bremen.de/dsdl> (último acesso em 02/03/2022)

⁸ „Der Durchschnittskolonist versteht nur die allernotwendigsten Redensarten der Brasilianer, gebraucht aber im alltäglichen Umgang nur die deutsche Sprache. Der von den Rheinländern gesprochene Hunsrücker Dialekt ist zwar kein schöner, aber so allgemein gebraucht, dass man sich schnell an seine Laute gewöhnt: das „eich“ statt „ich“, die Infinitivendungen auf „e“ statt „en“ verletzen neben manchen Kraftausdrücken im Anfang oft das Ohr des „frischen Deutschländers“. Drollig nimmt sich das Plattdeutsch der Pommern und der Hunsrücker Dialekt im Munde der Neger aus, die im jahrelangen Dienst bei deutschen Bauern auch deren Sprache leicht lernen und gern gebrauchen“ (Albrecht Funke 1902: 43).

público menos específico e mais global. A análise que segue pretende ilustrar primeiramente elementos linguísticos do discurso: nível da palavra, da proposição e da metáfora. Após, passaremos à análise das práticas sociais.

6.1 Análise: O nível intratextual

Como vimos, a análise linguística do discurso por níveis (DIMEAN) consiste em um conjunto de *tools* para a análise linguística do enunciado. O nível lexical encabeça a análise por conta de sua posição na camada micro e sua função na busca por enunciados no material.

- a) Análise lexical: a unidade de análise lexical contempla entre outras palavras-chave, palavras de efeito – por exemplo, palavras prestigiosas ou palavras estigmatizadas, nomes próprios, nomes coletivos, etc. Como exemplifica o texto do Pe. Moser, *Hochdeutsch* carrega um prestígio reproduzido historicamente destacado pelo termo *língua escrita*, ao passo que a variedade local é designada por *dialeto*, palavra estigmatizada no uso popular por justamente enfatizar uma distinção de valor. Enquanto *língua* carrega o traço da escrita, *dialeto* evoca o sentido de „subcategoria” de *língua*. No enunciado de Funke (1902), encontramos conceitos gerais envolvidos nas noções de *língua*: o *colono mediano* (al. *der Durchschnittskolonist*) e *língua alemã* (al. *die deutsche Sprache*) marcam o uso de alemão – e não de português – por uma coletividade. Na sequência, essa generalização é especificada em termos dialetais e valorações: *hunsriqueano* (al. *Hunsrücker Dialekt*) é representado pelo autor como um “dialeto não bonito” (al. *kein schöner*). O apelo a uma distinção entre línguas bonitas e feias pode ser visto como um “discurso de higienização” da *língua* (Cameron 1995). O conceito de *Deutschländer* evoca uma coletividade e essencializa o alemão europeu, sentido recorrente ainda hoje entre falantes de comunidades de fala alemã. Não obstante a generalização desses grupos, vale lembrar que na própria Alemanha, nesse período, há uma heterogeneidade dialetal bastante considerável. O *Deutschländer* é utilizado portanto como palavra-prestígio que remete a uma fala homogênea e nesse contexto oposta ao *colono* (Kuder 1936/1937). O autor ainda focaliza o uso do “alemão-platt” (al. *Plattdeutsch*) e *hunsriqueano* por negros, sobre os quais o autor não oferece detalhes, senão que trabalhavam junto às comunidades alemãs. Nesse caso, trata-se também de uma redução semântica (Blommaert & Verschueren 1998).

- b) **Análise proposicional:** no nível da proposição, linhas de oposições (*Opositionslinien*) são bastante frequentes em textos da imprensa desse contexto histórico. No texto do Pe. Moser, o enunciado introduz o argumento encadeando uma série de elementos referentes ao alemão-padrão: *língua escrita, alto-alemão, língua escolar, objetivo central* (da escola). Na sequência, o autor adverte sobre a restrição do dialeto ao contexto da casa. O primeiro e o segundo segmento estão, portanto, opostos por um jogo de oposição entre *Hochdeutsch – dialeto, escola – casa, central – periférico*. No segundo exemplo, o texto de Funke opõe o dialeto hunsriqueano a um ideal da língua alemã homogênea, na medida em que contrasta o “colono mediano” ao “alemão recém-chegado” (al. *Deutschländer*), o dialeto “não-belo” ao “belo”. Isso é reforçado pelo verbo *ferir* (al. *verletzen*), uma vez que os traços dialetais locais podem “ferir” os ouvidos do alemão recém-chegado. Por fim, o autor sugere uma outra oposição – aliás muito comum no discurso colonialista: entre grupos alemães e negros, o que fica evidente pela introdução do tópico através de “engraçado”. A graça pressupõe uma relação de estranhamento, inesperado. Assim, linhas de oposição podem ser atividades tanto através do encadeamento de proposições (X versus Y), quanto por relações supostamente antagônicas (*engraçado*[X usa Y]). O papel de linhas de oposição é, portanto, administrar o conhecimento e delimitar as leituras possíveis.
- c) **Análise metafórica:** Ao lado dos níveis da palavra e da proposição, também os campos metafóricos constituem uma ferramenta central na análise do discurso da norma. No primeiro excerto, nos deparamos com as metáforas de *língua = pessoa* e *língua = roupa*. A exigência de *fechar as portas da escola* (para o dialeto) implica em incluir determinadas variedades e excluir outras “não bem-vindas” do espaço escolar. A representação do dialeto como *a roupa confortável de casa* associa além disso o dialeto a algo não adequado ao espaço escolar. O atributo *confortável* evoca sentidos de “despojado”, “informal”, “inadequado”. No texto de Funke, a utilização de metáforas é mais pontual. O verbo *ferir*, como já citado na análise proposicional, contribui para o jogo de contraposições entre ideias de norma de linguística. A ideia evocada com relação ao dialeto é de um elemento agressor que pode causar dor ao ouvido não acostumado. O apelo, portanto, é sensorial. Em ambos os excertos, a variedade ou norma local compartilhada pela comunidade está no centro das metáforas, ao passo que o *Hochdeutsch* ou norma padrão é posicionado de maneira mais direta.

Nos três enunciados analisados, observa-se uma clara construção de sentidos de normas linguísticas. A norma do *Hochdeutsch*, ou seja, a norma padrão utilizada na escola ou por

coletivos prestigiados são construídas não apenas através de nomes, mas de jogos de oposições e metáforas. O contraste serve para uma argumentação convincente e assim controle dos sentidos envolvidos nos enunciados. As práticas sociais que permeiam textos desses tipos devem ser analisadas na próxima etapa, no nível transtextual.

6.2 Análise: O nível transtextual

Ambos os enunciados analisados anteriormente têm papéis bem definidos dentro das condições históricas que são produzidos: Se por um lado o Pe. Moser determina os espaços de cada língua no contexto escolar, para o qual jornal dos professores católicos se dirige, o texto de Funke informa sobre a presença alemã diritrizes de uma perspectiva ampla. Contudo, ambos os a(u)tores posicionam-se frente a uma identidade do português vindoura após a criação da República (1895). A essencialização de espaços (*escola, casa*) e grupos (*colono, hunsriqueano, pomerano, deutschlander, negro*) constroi uma hierarquia linguística da língua alemã comum a discursos políticos nesse período cronológico.

Dados como esses permitem, todavia, traçar paralelos entre práticas sociais históricas e atuais. A ideologia da homogeneidade linguística em espaços escolares, central para o discurso da norma, é compartilhada por muitos falantes bilíngues. De modo geral, encontramos mitos e crenças (Altenhofen, 2004, Pupp Spinassé & Mozzillo, 2021) de supervalorização do “alemão gramatical” entendida como língua (próxima à) escrita ou ao ambiente escolar. Ainda mais arraigada é a concepção de que variedades locais – o hunsriqueano ou o pomerano – seriam “línguas de casa” ou “erradas” – sobretudo, se comparadas ao ideal monocêntrico europeu. O discurso da norma nos mostra o quão ligadas estão práticas sociais ao longo do tempo. Enquanto os discursos anteriores serviam a práticas de afirmação religiosa (entre católicos e luteranos)(Bredemeier 2010: 40), germanidade (*Deutschtum*), isto é, nacionalismo ou colonialismo (*Kolonialismus*), hoje muitas dessas práticas ainda estruturam a memória discursiva de comunidades bilíngues.

54

7 Conclusões e perspectivas futuras

Dominar espaços e hierarquizar conhecimentos passa impreterivelmente por demarcar esses espaços étnica- e linguisticamente. No presente, texto foram analisadas de modo exemplar como tais práticas sociais se manifestam e são negociadas linguisticamente em enunciados de um texto jornalístico e um relato de viagem escritos em língua alemã do ou sobre o Rio Grande do Sul na primeira década do séc. XX. Nota-se uma tendência

continua no discurso da norma. A essencialização de espaços e línguas permeia ainda hoje ideologias sobre o multilinguismo no Brasil.

Diante dessa interface – passado e presente – esperamos ter exemplificado algumas das possibilidades do trabalho da análise do discurso sob a perspectiva sociolinguística e dialetológica. Com isso, incentivamos a construção de um corpus da imprensa em língua alemã (e portuguesa) do século XIX ao século XX anterior à proibição da língua alemã durante as Guerras Mundiais. Um corpus desse tipo pode jogar luz a diversas perguntas de pesquisa que emergem nesse contexto, por exemplo: “Quais discursos sobre a norma linguística são construídos e compartilhados em diferentes tipos de textos (almanaques, jornais, relatos de viagem etc.)? Como esses discursos se manifestam nos dias de hoje? Como se estruturam discursos da norma linguisticamente na escrita e na oralidade?”.

Referências Bibliográficas

ALTENHOFEN, Cléo Vilson et al. **Hunsrückisch: Inventário de uma língua do Brasil**. Florianópolis: Garapuvu, 2018.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. *Standard und Substandard bei den Hunsrückern in Brasilien: Variation und Dachsprachenwechsel des Deutschen im Kontakt mit dem Portugiesischen*. In: BÜRING, Daniel, LENZ, Alexandra N. & RITT, Nikolaus (Hg.): **German Abroad: Perspektiven der Variationslinguistik, Sprachkontakt- und Mehrsprachigkeitsforschung**. Göttingen: V&R unipress, 103-129, 2016.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. **Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen**. Stuttgart: Franz Steiner (Mainzer Studien Zur Sprach- und Volksforschung), 1996.

Barili, Camila. **“O linguajar caótico”: a representação dominante das práticas linguageiras dos trabalhadores africanos escravizados**. Porto Alegre: UFRGS, 2018.

BIBE-LUYTEN, Sônia M. **Holandeses no Brasil e nos Estados Unidos: uma visão comparativa**. Revista de antropología, 29, p. 73-84, 1986.

BLOMMAERT, Jan & Verschueren, Jef. **Debating Diversity: Analysing the Discourse of Tolerance**. London: Routledge, 1998.

CAMERON, Deborah. **Verbal Hygiene**. London, 1995.

COSERIU, Eugenio. **Sistema, norma e fala**. [Universidade, Faculdade de Letras], Coimbra; portugiesische Übersetzung von Nr. 9, übers. von J. H. de C. [= J. Herculano de Carvalho], 1960.

CUNHA, Jorge L. da. **Rio Grande do Sul und die deutsche Kolonisation. Ein Beitrag zur Geschichte der deutsch-brasilianischen Auswanderung und der deutschen Siedlung in Südbrasilien zwischen 1824 und 1914**, Santa Cruz do Sul: Gráfica Léo Quatke da UNISC, 1995.

DAMKE, Ciro. **Sprachgebrauch und Sprachkontakt in der deutschen Sprachinsel in Südbrasilien**. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1997.

- DÍAZ, Norma E. **Sprachkontakt in Nôvo Berlim (Rio Grande do Sul). Doppelte Insellage (Eine Fallstudie)**. Frankfurt/Main: Peter Lang Verlag, 2004.
- FARACO, Carlos Alberto & ZILLES, Ana Maria Stahl. **Para conhecer norma linguística**. São Paulo: Contexto, 2017.
- FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: Desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola editorial, 33-107, 2008.
- FAULSTICH, Katja. **Konzepte des Hochdeutschen. Der Sprachnormierungsdiskurs im 18. Jahrhundert**. Berlin/New York: De Gruyter, 2008.
- FAUSEL, Erich. **Hochdeutsch, Mundart und Mischsprache bei den Deutschen in Brasilien**. In: *Wirkendes Wort*, 12, p. 210-217, 1962.
- FAUSEL, Erich. **Die deutschbrasilianische Sprachmischung. Probleme, Vorgang und Wortbestand**. Berlin: Schmidt, 230 p., 1959.
- HABEL, Jussara Maria. **Das böhmische deutsch: perda e coineização de variantes do alemão de imigrantes boêmios no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2017. <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/172378>>. Acesso em 06 Mar. 2022.
- GLOY, Klaus. *Norm*. In: Ammon et al. (Hg.): **Soziolinguistik. Ein internationales Handbuch zur Wissenschaft von Sprache und Gesellschaft**. 1. Teilband. Berlin/New York: De Gruyter. 2. Aufl., 392–398, 2004.
- KUDER, Manfred. **Die deutschbrasilianische Literatur und das Bodenständigkeitsgefühl der deutschen Volksgruppe in Brasilien**. *Iberoamerikanisches Archiv*, v. 10, n. 4, p. 394-494, 1936/37.
- Labov, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia, PA.: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LACMANN, Wilhelm. **Ritte und Rasttage in Südbrasilien: Reisebilder und Studien aus dem Leben der deutschen Siedlungen**. Berlin: Dietrich Reimer, 1906.
- MACKEDANZ, Daiane. **O papel da identidade para a manutenção do pomerano na Serra dos Tapes, RS**. Pelotas: Mestrado em Letras - Programa de Pós-Graduação. Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas, 2016.
- NIEDZIELSKI, Nancy & PRESTON, Dennis R. **Folk Linguistics**. Berlin: de Gruyter, 2000.
- NEUMANN, Gerson Roberto. **A „Muttersprache“ (língua materna) na obra de Wilhelm Rotermond e Balduino Rambo e a construção de uma identidade cultural híbrida no Brasil**. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2000. (Dissertação de Mestrado).
- OLIVEIRA, Gilvan Müller De. *From foreign languages to brazilian languages, from one-language-one-nation ideology to inclusive co-officialization policy: The Case of Hunsrückisch and Pommersch*. In: CAVALCANTI, M. C.; MAHER, T. M. (Hg.). **Multilingual Brazil: Language Resources, Identities and Ideologies in a Globalized World**. Nova York: Routledge, 2018.
- PREDIGER, Angélica. **Topodinâmica do alemão falado em comunidades de imigração do norte da boêmia no Brasil**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2019. <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/204557>>. Acesso em 06 Mar. 2022.
- PRESTON, Dennis R. *Folk metalanguage*. In: JAWORSKI, Adam, COUPLAND, Nikolas & GALASIŃSKI, Dariusz (Hg.): **Metalanguage. Social and Ideological Perspectives**. Berlin/New York: de Gruyter, 75–101, 2004.

- OPITZ, Martin. **Buch von der deutschen Poeterey**. Breslau, Brieg: Müller; Gründer, 1624.
- PUPP SPINASSÉ, Karen & MOZZILLO, Isabella. **Famílias em situação plurilíngue: ideologias linguísticas**. Gragoatá, 26.54: 294-235, 2021.
- PUPP SPINASSÉ, Karen. **Deutsch als Fremdsprache in Brasilien: Eine Studie über kontextabhängige unterschiedliche Lernersprachen und muttersprachliche Interferenzen**. Berlin: Peter Lang, 2005.
- RABUSKE, Arthur. **S. J. Balduino Rambo, S. J. - Sacerdote, Naturalista, Escritor e Líder Popular**. Pesquisas, História, n. 26, p. 7-117, 1987.
- ROTH, Kersten Sven, SPITZMÜLLER, Jürgen & SCHRAMM, Karen. **Phänomen ‚Mehrsprachigkeit‘: Einstellungen, Ideologien, Positionierungspraktiken**. Osnabrücker Beiträge zur Sprachtheorie (OBST) 93, 2018.
- SCHOTTELIUS, Justus Georg. **Ausführliche Arbeit Von der Deutschen HauptSprache [...]**. Braunschweig. Nachdruck. Wolfgang Hecht (Hg.). 2 Teile. Tübingen, 1967 [1663].
- SCHULZE, Frederik. **Auswanderung als nationalistisches Projekt. „Deutschtum“ und Kolonialdiskurse im südlichen Brasilien (1824-1941)**. Wien: Böhlau Verlag, 2016.
- SCHULZE, Frederik. **Von verbrasilianisierten Deutschen und deutschen Brasilianern. „Deutschsein“ in Rio Grande do Sul, Brasilien, 1870–1945**. Geschichte und Gesellschaft v. 41 n. 2, 197–227, 2015.
- SPITZMÜLLER, Jürgen. *⟨Sprache⟩ – ⟨Metasprache⟩ – ⟨Metapragmatik⟩: Sprache und sprachliches Handeln als Gegenstand sozialer Reflexion*. In: Antos et al. (Hg.): **Handbuch Sprache im Urteil der Öffentlichkeit**, 11–30, 2019.
- SULZBACH, Luciana. **Eine empirische Untersuchung zweier Varietäten des Brasildeutsch**. Hannover: Universität Hannover Fakultät für Geistes- und Sozialwissenschaften, 323 p., 2004.
- TAVARES DE BARROS, Fernando Hélio Tavares. **Topodinamica del Hunsrückisch: cartografia y ejemplos del proceso de cambio y manutencion del lexico en contexto de migracion**. Bremen: Universität Bremen (Dissertation), 2019.
- THUN, Harald. *Variety complexes in contact: A study on Uruguayan and Brazilian Fronterizo*. In: **Language and space: An International Handbook of Linguistic Variation**, v. 1, 706-723, 2010.
- THUN, Harald. *Variation im Gespräch zwischen Informant und Explorator*. In: LENZ, Alexandra N. & MATTHEIER, Klaus J. (Hg.): **Varietäten – Theorie und Empirie**. Frankfurt a.M.: Peter Lang, 97–126, 2005.
- WILLEMS, Emilio. **Assimilação e populações marginais no Brasil**. São Paulo: Nacional, 1940.
- ZILLES, Ana Maria Stahl & KING, Kendall. **Self-presentation in sociolinguistic interviews: Identities and language variation in Panambi, Brazil**. Journal of Sociolinguistics 9, 74-94, 2005.